ARIANE ARTIOLI/DIVULGAÇÃO

A corriqueira atividade de arrumar a casa é mote para o espetáculo Chá comigo, que será encenado gratuitamente em ruas e parques

RIDICULAMENTE HUMANO

Artista Giulia Cooper interpreta a palhaça Nina

ISABELLE BARROS
isabelle.barros@diariodepernambuco.com.br

Subverter o cotidiano de forma a encantar o público é um dos grandes trunfos da palhaçaria, que mostra a humanidade existente por trás do ridículo de nossas ações. Cozinhar e arrumar a casa, atos tão corriqueiros, se tornam um prato cheio para isso, como mostra a palhaça Nina, criada pela artista circense Giulia Cooper, da Caravana Tapioca, em seu primeiro solo, *Chá comigo*. A estreia está marcada para a quinta-feira, no Parque Dona Lindu, como mais um espetáculo da dupla também composta por Anderson Machado, responsável pela direção e pelo cenário. A temporada terá nove apresentações, todas na rua, e a última fará parte da terceira edição do Festival Palhaçaria, programado entre 3 e 17 de setembro.

Sozinha em cena pela primeira vez, Giulia aposta ainda mais na interação e na improvisação para a contar a história de Nina, uma palhaça que volta da feira e arruma a casa de forma bem particular. Os utensílios domésticos se tornam objetos com os quais se desenvolvem outros números circenses, como equilíbrio e malabares. "Como palhaça sozinha na rua, comecei a explorar outras coisas, e esse é um momento interessante para se fazer o espetáculo, no qual as mulheres têm cada vez mais espaço e fazem coisas solo".

A ideia do espetáculo - sem falas - foi desenvolvida a partir de duas vivências de Giulia com Avner Eisenberg, artista circense renomado mundialmente. "Tinha vontade de fazer um trabalho sozinha. Acreditava que poderia desenvolver novas habilidades e responsabilidades. Como é um espetáculo de rua, posso fazê-lo em qualquer lugar e isso dá muita independência. Levei muitas ideias para os Estados Unidos, onde Eisenberg mora, e trabalhei a partir das células de ação criadas lá. Testei essas ideias em praças e parques nos fins de semana para montar a encenação. Nina descobre que pode fazer malabarismo com a vassoura, com conhas de feijão, equilíbrio cadeiras e convido algumas pessoas a entrar na cozinha e tomar chá comigo", diz.

O projeto inclui a circulação em várias localidades, desde o Parque da Jaqueira até bairros que não têm o costume de receber espetáculos circenses. "Circular por várias comunidades é um dos compromissos da Caravana Tapioca. Ouvimos pessoas idosas dizerem que nunca tinham visto um espetáculo antes de irmos ao bairro delas. O público quer se divertir e precisamos incluir cada vez mais gente. É incrível quebrar a rotina dessas pessoas, que passam na rua e veem algo diferente. Muitas mulheres se reconhecem na Nina, e eu também me reconheço, deixando claro que essa deve ser uma tarefa de todos".

Horários e local

7 DE SETEMBRO (QUINTA)
às 16h, no Parque Dona Lindu

8 DE SETEMBRO (SEXTA)
às 16h30, na Rua Severino Bernardino Pereira, 228, Alto José do Pinho

9 DE SETEMBRO (SÁBADO)
às 10h, no Parque 13 de Maio, e às 18h, na Praça de Boa Viagem

10 DE SETEMBRO (DOMINGO)
às 10h, no Econúcleo Parque da Jaqueira, e às 16h, no Sítio da Trindade

11 DE SETEMBRO (SEGUNDA)
às 16h, na comunidade do Arruda, atrás da UPA

12 DE SETEMBRO (TERÇA)
às 14h, na Escola Pernambucana de Circo (Avenida José Américo de Almeida, 5, Macaxeira)

17 DE SETEMBRO (DOMINGO)
às 17h, na Praça do Arsenal

SERVIÇO

Chá comigo, solo de Giulia Cooper, da Caravana Tapioca
Quando: 7 a 17 de setembro
Quanto: gratuito
Informações: *www.caravanatapioca.com*

OLIVIA LOCATELLI

Nas ruas com Nina

Giulia Cooper, da companhia Caravana Tapioca, comenta o desafio de fazer seu primeiro espetáculo solo, "Chá Comigo"

MARIA ANNA LEAL
DA EDITORIA COTIDIANO

Aprender a enfrentar os desafios do cotidiano com bom humor é a proposta do novo espetáculo da palhaça Nina, integrante da Caravana Tapioca. Interpretada por Giulia Cooper, "Chá Comigo" é a primeira apresentação solo da palhacinha e o quinto espetáculo da Companhia. "O espetáculo surgiu de uma necessidade minha de fazer um trabalho solo. Sempre atuei em grupo e em dupla, com Anderson Machado" explica a atriz, malabarista e palhaça, muito empolgada com seu novo projeto.

Ela faz malabarismos com objetos da cozinha, brincando com panelas, canecas, comida, cadeiras e vassouras, para resolver os problemas do dia-a-dia. "Em certo momento, ela está varrendo a casa e não consegue limpar embaixo das cadeiras, descobre então, que para varrer embaixo das cadeiras, é preciso equilibrá-las em seu queixo, pois não tem mãos suficientes para carregá-las", conta Giulia. A apresentação de estreia foi no dia 7 de setembro, no Parque Dona Lindu, em Boa Viagem, e a palhaça seguiu desde então com mais oito apresentações em locais variados e gratuitamente.

"Fazer um espetáculo sozinha é aprender também a confiar em si, é poder ser independente e apresentá-lo em qualquer espaço e a qualquer hora", afirmou Giulia. A artista pesquisou bastante para fazer "Chá comigo", inclusive indo às ruas para realizar apresentações e compreender quais números funcionariam melhor com o público. "Esse solo representa um passo grande na minha carreira. Representa que consegui, depois de sete anos, juntar tudo que aprendi", disse Giulia. Algumas dinâmicas começaram a ser elaboradas pela atriz durante um curso de imersão e criação feito pela palhaça com o clown Avner Eisenberg, nos Estados Unidos. "O espetáculo é sem falas, então, pode ser apresentado em diversos espaços e países", ressaltou.

Em um meio que é composto majoritariamente por homens, a palhaça Nina também aparece para provar que as mulheres são capazes de trabalhar em qualquer área, tão bem quanto os homens. Segundo Giulia, antigamente se acreditava que somente homens podiam ser palhaços, que a graça só poderia ser provocada por eles. Atualmente, no entanto, o cenário está mudando. "Temos palhaças incríveis. Cada vez surgem mais mulheres palhaças, festivais e tudo isso vai fortalecendo e fazendo com que o número só aumente. Uma apoia a outra. Me sinto muito feliz e também corajosa por estar na rua apresentando um espetáculo solo", afirma a palhaça que também acredita que este trabalho é importante para servir de exemplo a outras mulheres. "Tenho certeza que isso inspira não só outras palhaças, como também mulheres a acreditarem na força que têm", completou.

O projeto conta com o auxílio do Edital de Fomento às Artes Cênicas, da Prefeitura do Recife e foi dirigido pelo parceiro de palco de outras apresentações de Giulia: "Estou sozinha em cena, mas Anderson Machado me dirigiu e fez o cenário", explicou. Em sua estreia no parque Dona Lindu, o espetáculo reuniu cerca de 250 pessoas e a companhia espera que os números só subam."Estamos fazendo de tudo para mobilizar o público para que todos possam curtir um espetáculo de graça, juntos", completou a atriz.

Turnê

A companhia Carana Tapioca (SP/PE), surgida em 2010, atua há 7 anos se apresentando em espaços públicos e festivais. "Nos apresentamos em diversos parques e praças. Viajamos pelo Sertão nordestino, cidades de baixo IDH, sempre apresentando espetáculos", conta Giulia. Pesquisa a rua como local de democratizacao da arte e formacao de plateia.

serviço >

Chá Comigo, da Caravana Tapioca
Onde: Praça do Arsenal
Quando: Neste domingo (17), às 17h
Entrada gratuita
Classificação: Livre

"Fazer um espetáculo sozinha é aprender também a confiar em si"

GIULIA COOPER,
atriz e palhaça

Clown ou palhaço?

Embora as palavras clown e palhaço tenham, em português, o mesmo significado, os dois termos estão ligados a escolas de pensamento diferentes. "Existem caminhos metodológicos diferentes, mas que resultam em um mesmo produto estético", diz Rafael. Para Nara Menezes, o bufão dos circos tradicionais e os palhaços contemporâneos guardam a mesma essência. "A raiz é a mesma. Todos bebem de uma só fonte inesgotável, que é o circo e as figuras clássicas do cinema, como Chaplin e Os Três Patetas. O que muda é a dramaturgia. Há um interesse, cada vez maior, de colocar nos números questões reais, mais ligadas à política e ao social", aponta.

Na opinião de Caio Marinho, integrante do grupo paulista A Próxima Companhia, a palhaçaria nacional precisa direcionar seu olhar para métodos que fujam da tradição europeia. "Ficamos muito restritos a perpetuar o que vem de fora. Faltam pesquisas sobre o palhaço brasileiro. No Nordeste, por exemplo, há os brincantes do Cavalo Marinho, da Folia de Reis e de outras manifestações populares, que também são palhaços, mas não recebem tanta atenção", alerta.

Chá Comigo
Veículo: Rede Globo
Link: http://g1.globo.com/pernambuco/netv-1edicao/videos/t/integras/v/netv-1-edicao-sexta-feira-08092017-integra/6134885/
Em 25minutos e 55 segundos até 28 minutos e 33 segundos

Chá Comigo
Veículo: Leia Já | 19 de setembro
Link: http://www.leiaja.com/carreiras/2017/09/19/palhacos-profissionais-levam-serio-arte-do-sorrir/

LeiaJa PB
TUDO QUE VOCÊ PRECISA SABER

Procure aqui o que você precisa saber.

NOTÍCIAS | POLÍTICA | CARREIRAS | ESPORTES | ENTRETENIMENTO | TECNOLOGIA

WWW.LEIAJA.COM/
CARREIRAS ▸ EMPREGOS

Curtir 147 Compartilhar G+ Tweet

Palhaços profissionais levam a sério a arte do sorrir

'O trabalho do palhaço é uma pesquisa continuada, que nunca tem fim', define Enne Marx, da Cia Animée

LeiaJá por Ana Tereza Moraes ter, 19/09/2017 - 10:41

Ao pesquisar a palavra "palhaços" na internet, o que muito se vê são imagens tiradas de produções de terror e notícias sobre as figuras que andavam amedrontando moradores dos Estados Unidos. Esses resultados, no entanto, não condizem com os profissionais que levam a sério a arte de fazer sorrir. Com suas roupas coloridas, acessórios engraçados e perucas espalhafatosas, os palhaços autênticos passam longe do que é visto nos resultados de busca. Eles são leves, divertidos e apaixonados pela sua profissão e estilo de vida.

"É muito abrangente esse universo. Seja o palhaço com nariz, o sem nariz, tudo é palhaço. Jerry Lewis, por exemplo, a quem passei minha vida inteira assistindo e demorei a entender que ele era palhaço, ou que o Gordo e o Magro eram palhaços e até o próprio Renato Aragão. Cada um com a sua personalidade", diz a palhaça Ana Nogueira.

"Ser palhaço para mim é poder rir de mim mesma, descobrir os meus erros e o meu ridículo, poder sorrir disso. Ser palhaço é andar na corda bamba, é ver o outro como um espaço de sorrisos, de troca, é jogar, é está aberto ao mundo. É ter o olhar ampliado, o olhar aberto, é ser ágil no pensamento e querer fazer o outro sorrir, mas um riso de qualidade, que vem a partir de um jogo e não de uma forçada de barra", define Enne Marx, da Cia Animée. "Palhaço não é só para criança, é para alegrar o mundo, e ele está doente e precisando dessa linguagem, que é muito rica e que trata não só do riso, mas de questões profundas. É uma linguagem que faz sorrir e pensar", completa.

Enne, que entrou nesse universo em 2003 através do 'Doutores da Alegria' - grupo que leva encenações e diversão para crianças em hospitais -, tem o prazer de viver dessa arte. "Isso para mim é um ofício, é minha profissão. Além de trabalhar a linguagem do palhaço, sou atriz e faço produção. Minha área é artística", conta Enne, que é também fundadora da primeira banda de palhaças do Brasil, 'As Levianas'.

Já Ana, que é a 'Dona Pequena' quando está nos palcos, por muito tempo se dividiu entre duas profissões: palhaça e jornalista, mas hoje foca mais na carreira artística. "Para mim a história do viver disso é recente. De dois anos para cá foi que passei a me dedicar mais a isso, mas não só como palhaça, também como atriz. Atualmente vivo com um complemento, mas acredito que dá sim para viver de ser palhaça", afirma.

Giulia Cooper, fundadora do Caravana Tapioca, é a prova viva disso. Nascida em São Paulo, e atualmente morando no Recife, ela vive das apresentações que faz em parques, praças e outros espaços públicos. Segundo ela, a escolha da rua foi pela possibilidade de todas as pessoas, independente da classe social, terem acesso às apresentações, que em sua grande maioria são gratuitas. Alguns dos seus projetos recebem apoio do governo, mas ela ressalta que nem sempre é o bastante. "Não é suficiente ainda para cobrir tudo que a cidade necessita. Não falo nem pelos artistas somente, mas sim pelas pessoas que precisam do acesso a cultura".

Apesar das 'palhaçadas', a vida destes profissionais não é brincadeira, pois exige muito estudo e dedicação. Giulia explica como foi seu preparo até chegar onde está com a Palhaça Nina, sua personagem. "Estudei numa Escola de Circo, com diversas matérias e aulas de segunda a sexta-feira, e, além disso, fiz diversos cursos de palhaço. Neles a gente vai desenvolvendo esse lado do ridículo, de aceitar o erro, de incluir todos os improvisos dentro da cena", afirma. "Durante o dia a gente estuda música, treina malabarismo, lê muito livro, assiste muito espetáculo, grava nossas apresentações pra assistir de novo, além de toda parte da produção também. Também tem que estar em cena pra aprender. Treinando, interagindo com as crianças...", completa a Palhaça Nina.

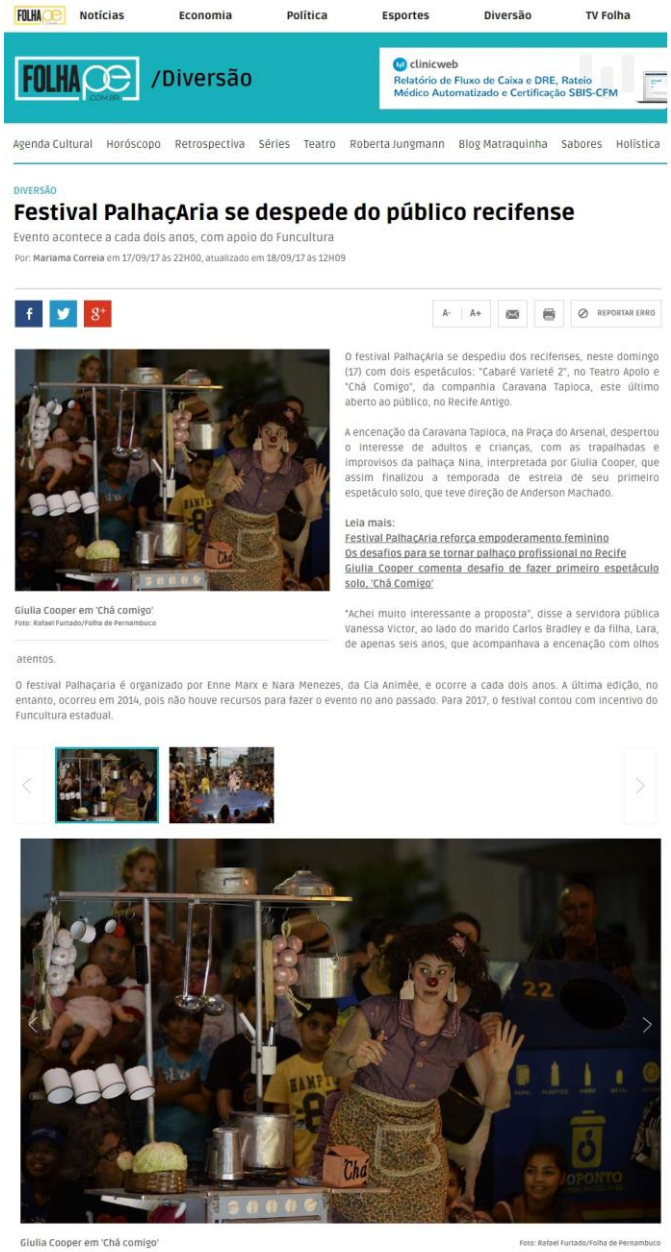
"Caminhamos sempre rumo à formação, à reciclagem, nunca paramos. O trabalho do palhaço é uma pesquisa continuada, que nunca tem fim. Quanto mais velho e quanto mais você tem formação, você vai ser melhor", explica Enne Marx. Sobre a renda de um palhaço profissional, as entrevistadas não definiram uma quantia concreta. Segundo elas, como os pagamentos variam bastante conforme o evento e o tipo de apresentação, é difícil mensurar os valores exatos recebidos pelos trabalhadores.

"A mulher palhaça"

O mercado dos palhaços é um ambiente dominado pela presença masculina, e as mulheres muitas vezes acabam se tornando apenas coadjuvantes. No entanto, com o crescimento da presença feminina nesse meio, alguns festivais vem tentando abrir mais o espaço para essas palhaças, como o 'Palhaçaria', encerrado no último domingo (17). "O festival vem como uma mostra dos trabalhos e das pesquisas que vêm sendo feitas por muitas mulheres palhaças, e vem também como um movimento contra esse mercado pequeno para as mulheres, porque o mercado é muito grande para os homens e sempre foi um universo masculino. A mulher palhaça não aparecia, ficava no anonimato", diz Enne, que é uma das organizadoras.

Com o crescimento da presença feminina nessa área, a artista conta que quis propor uma oportunidade para que houvesse um intercâmbio de conhecimento entre as mulheres palhaças. "Temos uma nuance própria, um humor feminino, não há como negar, então esse foi um jeito de mostrar para o mercado que as mulheres tão aí, fazendo seu trabalho".

Chá Comigo
Veículo: Folha de Pernambuco | Online | 17 de setembro
Link: http://www.folhape.com.br/diversao/diversao/diversao/2017/09/17/NWS,42043,71,552,DIVERSAO,2330-FESTIVAL-PALHACARIA-DESPEDE-PUBLICO-RECIFENSE.aspx



FOLHA PE | Notícias | Economia | Política | Esportes | Diversão | TV Folha

FOLHA PE /Diversão

clinicweb
Relatório de Fluxo de Caixa e DRE, Rateio
Médico Automatizado e Certificação SBIS-CFM

Agenda Cultural | Horóscopo | Retrospectiva | Séries | Teatro | Roberta Jungmann | Blog Matraquinha | Sabores | Holística

DIVERSÃO

Festival PalhaçAria se despede do público recifense

Evento acontece a cada dois anos, com apoio do Funcultura

Por: **Mariama Correia** em 17/09/17 às 22H00, atualizado em 18/09/17 às 12H09

A- | A+ | REPORTAR ERRO

O festival PalhaçAria se despediu dos recifenses, neste domingo (17) com dois espetáculos: "Cabaré Varieté 2", no Teatro Apolo e "Chá Comigo", da companhia Caravana Tapioca, este último aberto ao público, no Recife Antigo.

A encenação da Caravana Tapioca, na Praça do Arsenal, despertou o interesse de adultos e crianças, com as trapalhadas e improvisos da palhaça Nina, interpretada por Giulia Cooper, que assim finalizou a temporada de estreia de seu primeiro espetáculo solo, que teve direção de Anderson Machado.

Leia mais:
Festival PalhaçAria reforça empoderamento feminino
Os desafios para se tornar palhaço profissional no Recife
Giulia Cooper comenta desafio de fazer primeiro espetáculo solo, 'Chá Comigo'

Giulia Cooper em 'Chá comigo'
Foto: Rafael Furtado/Folha de Pernambuco

"Achei muito interessante a proposta", disse a servidora pública Vanessa Victor, ao lado do marido Carlos Bradley e da filha, Lara, de apenas seis anos, que acompanhava a encenação com olhos atentos.

O festival Palhaçaria é organizado por Enne Marx e Nara Menezes, da Cia Animêe, e ocorre a cada dois anos. A última edição, no entanto, ocorreu em 2014, pois não houve recursos para fazer o evento no ano passado. Para 2017, o festival contou com incentivo do Funcultura estadual.

Giulia Cooper em 'Chá comigo'
Foto: Rafael Furtado/Folha de Pernambuco